



PROCESSO DE PESQUISA: CRIANÇAS EM FOCO E A ESCUTA EM EM CAMPO

Aliana Camargo França - E-mail: alianacamargo@gmail.com

GT 2: Educação e Comunicação

Resumo:

Os desafios encontrados em campo são parte da experiência do pesquisador, o processo de escuta e escolhas no caminho são elementos refletidos neste texto para pensar o estudo *com* crianças. Versado na investigação do campo presencial e virtual, como junção de espaços contíguos, o estudo apoia-se na metodologia netnográfica, sistematizada por Kozinets (2014), que engendra estudos atravessados pela tecnologia. Tencionamos algumas questões que apareceram no percurso, lançamos dúvidas sobre o surgimento de possibilidades e apresentamos o caminho trilhado pela pesquisa *com* crianças. No processo não há fórmulas, mas aspectos particulares do que é o movimento externo e o movimento interno da escuta próprio do processo de pesquisa. O caminho é feito no fazer, no percurso. Ao investigar dentro das ciências humanas, compreendemos que a observação do caminhar se faz mais imperativo para que os resultados sejam perceptíveis.

Palavras-chave: Criança. Escuta. Netnografia. Processo de pesquisa.

1 Introdução

O processo que resulta na pesquisa que ora vamos tratar se baseia na busca por compreender as relações das crianças conectadas ao *YouTube*. Como já definimos, interessa-nos apresentar aqui um pequeno recorte do processo de escuta como ponto principal deste relato, bem como o suporte dado pelo caminho metodológico na investigação *com* crianças em campo, traçado pela organização do pesquisador na ação do fazer-pesquisa.

Uma das mais importantes experiências neste processo de pesquisa em campo é o processo de escuta. Sem ela, há o esvaziamento da compreensão, o silenciamento de quem fala. Corsaro (2011) salienta que a escuta cuidadosa e apropriada nos faz ser portadores de pedacinhos de mundo que nos “fornecem descrições detalhadas de como as crianças vivem sua infância”. Como desenho do texto, o campo se reveste da utilização do diário, das entrevistas, da gravação com o celular, das fotos, das escolhas durante o processo e dos desafios de se fazer pesquisa com crianças conectadas dentro de uma escola com poucos recursos de conexão com a internet. Com essa perspectiva ficamos em campo por três meses no segundo semestre de 2019, escutando as vozes de 11 crianças pré-selecionadas auxiliado

pela coordenação de uma escola pública municipal, situada em um bairro da periferia de Barra do Garças, cidade do interior de Mato Grosso.

2 A metodologia

O objeto da pesquisa – compreender a relação das crianças com a mídia digital *YouTube*, sinalizava a utilização da netnografia como suporte de investigação. A netnografia é uma metodologia que surge das bases da etnografia, ou seja, o estudo do comportamento humano iniciado por antropólogos e sociólogos, e que hoje é amplamente utilizado na ciência.

A netnografia se ocupa em estudar práticas culturais que se apresentam de maneira complexa na ação social (KOZINETS, 2014). Utiliza os seis passos etnográficos para expandir a investigação no espaço virtual, cuja vida na Cultura Digital se faz latente. Esses passos de investigação se resumem em: definição do objeto de estudo; identificação da comunidade a ser estudada; o pesquisador é observador participante; a descrição dos achados é densa; utilização de padrões éticos claros; e, por fim, a escrita do que foi encontrado em campo. Com o espaço organizado da escola definido, e os alunos/participantes já contatados e liberados pelos responsáveis para a pesquisa, adentramos em campo no início de agosto e seguimos com os encontros até o dia 18 de novembro¹.

3 O caminho e as escolhas

Podemos traçar nossa aventura científica como o paisagista em seu projeto de compreender o aspecto pedagógico na construção de seus jardins (LEENHARDT, 1996, p. 50), no qual o movimento externo e interno da pesquisa provoca, no pesquisador, a necessidade de compreender a natureza do campo, fazer as escolhas e estabelecer o caminhar pesquisando *com* crianças e não *sobre* crianças.

Como a metodologia utilizada não se constitui à priori, mas no processo, adentro² o campo percebendo a exigência no processo de me tornar flexível e escutar o que o ambiente interno da escola apresentava: tempo com os participantes reduzido, conexão com a internet de apenas 2 gigas, indicação dos alunos com a participação das professores. Foram 11

¹ O parecer substanciado emitido pelo Comitê de Ética da Pesquisa está sob o número: 3.382.233 pela UFMT.

² A partir deste momento utilizo a primeira pessoa do singular para que as reflexões se estabeleçam pelas escolhas da pesquisadora.

participantes, dentre eles seis meninas e cinco meninos, das turmas iniciais do ensino fundamental I (2º, 3º e 4º ano).

A primeira questão que se mostrou é o local e horário dos encontros. Entendi que precisava me adequar ao horário indicado pela coordenação: reunir com as crianças ao meio dia e liberá-las às 12h50 para a aula que iniciava no período da tarde. O que achei muito pouco, inicialmente. Foi assim em dois dias na semana (segunda e sexta), e nas quartas-feiras, nos reunimos por duas horas pela manhã na sala de recursos, local em que havia dois computadores e um ar-condicionado para dar conta do calor que faz no inverno do Cerrado. A angústia desse cenário permeava o meu movimento interno, será que eu conseguiria transpor as vivências que as crianças viviam em suas casas no espaço organizado da escola? Será que esse cenário, produzido, seria o suficiente para encontrar o que desejava achar? E o que era que eu estava procurando? As relações das crianças com a mídia digital *YouTube*.

4 A escuta sensível

A escuta nem sempre se mostrou tangível. Primeiro eu pensei que estava escutando, quando na verdade estava buscando ouvir o que queria ouvir, ou não dando a atenção que o campo exigia. Com o tempo, percebi que para a escuta é preciso se abrir, estar flexível, sem julgamento dentro do campo.

As crianças me falavam: gosto dessa youtuber, ou quero brincar com algo que não seja no computador. O que essa observação que engloba a escuta me provocava? O que isso reflete no trabalho de pesquisa? Qual o limite do observador participante no processo? A questão deste relato de experiência se mostra no quão precisamos estar abertos ao processo de escuta, quanto de nossa verdade interna se apresenta no externo e o quanto o de fora organiza o que está dentro, na relação do que é intrapessoal e do que é interpessoal (VYGOTSKY, 1998). Dentro do processo, a *internalização da fala social* oferecida pelas crianças, é o que construirá a pesquisa.

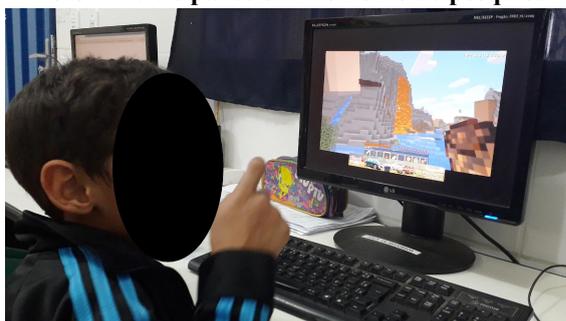
O incômodo em pesquisar crianças está refletido na maneira como observo meus filhos com o *YouTube*, nas dúvidas que carrego sobre as mediações; de maneira que o objeto está numa relação dialética com o pesquisador: o concreto real vivido, a teoria que preciso pensar, para depois caminhar no concreto pensado, refletivo. E o que as crianças participantes podem me ensinar?

Certo dia, Sofia afirma que a internet é a vida dela. O que isso quer dizer para a essa nova geração? O que Sofia estava tentando me dizer se nem ao menos uma rede de banda

larga (conexão com cabo de fibra ótica para a internet) ela tem em sua casa? Em outra situação Juliana chega em campo dizendo que gosta de ver os canais de *Gacha Life*. São *softwares* para produzir vídeos com características de anime (desenho japonês). Ela produziu um pequeno vídeo sobre o desmatamento da Amazônia. Um material que se perdeu no processo, um lamento que sinto até hoje. Enquanto outro participante me dizia que queria ser youtuber, assim ele ganharia muito dinheiro: “ele tem uma mansão”, me dizia ao ver o canal preferido. E quase a maioria relata que brinca de falar com uma câmera imaginária registrando seus pensamentos.

A pesquisa *com* crianças se estabeleceu pelo diálogo. Coloquei em ação uma prática pedagógica, utilizei uma música no primeiro dia de encontro e fizemos projeções de nossa participação dentro da pesquisa. Tentei construir uma aliança com as crianças. Me lancei para a avenida da confiança e sugeri que elas me dessem esse voto. Todos os participantes que ali estavam desejaram participar da pesquisa. Contudo, nem elas nem eu tínhamos ideia de como seria o caminho. Nos primeiros encontros percebi que algumas estratégias deveriam ser reformuladas. O plano era ficar questionando o tempo todo, tirando minhas dúvidas, mas as crianças queriam ficar assistindo em silêncio. Nada de conversa. A única escolha era fazer as perguntas no final dos encontros. Estabelecemos que eu as deixaria ver o que queriam e que no final conversaríamos. Entendi que a ao invés de questionar o tempo todo, era preciso primeiro usar a escuta sensível, quando ouvidos e olhos estão em evidência, quando a observação coloca em silêncio a voz do pesquisador.

Foto – Participante em momento de pesquisa



Fonte: A autora (2019).

Como suporte para a escuta utilizei o diário de campo. Fui anotando falas, cheiros, impressões. Hoje, a sensação é que eu poderia ter dado maior destaque as riquezas de detalhe ao qual não pude anotar como: frases e conversas paralelas das crianças, os sorrisos ou chateações em que elas chegavam na pesquisa. A estratégia do diário se somou às entrevistas com o gravador do celular, e fotos, muitas foram feitas no final de nossos encontros. As

perguntas emergiram no movimento interno do campo, foram feitas à medida que minhas dúvidas e percepções cresciam sobre como as crianças ficavam na tela vendo o *YouTube*.

Com o tempo fui reunindo as informações, o diário não se mostrou tão eficiente e fui para o gravador do celular para me auxiliar na memória da escuta sensível. Formei rodas de conversas. Com o tempo a confiança aumentava e questões íntimas de suas vidas também foram ouvidas, o que ficará apenas no campo subjetivo da vivência do pesquisador. A impaciência e o cansaço chegaram para as crianças, e naquela pequena sala de recursos nos despedimos com um bolo de chocolate pedido por elas. A escuta necessária que foi em muitos momentos caro para mim, foi uma condutora, aprendi a aprender a escutar dentro do campo *com* crianças em uma jornada que permanece inacabada.

7 Considerações finais

Refleti no texto sobre o processo de escutar, complementado pela utilização do diário, da entrevistas, a gravação com o celular, o registro pelas fotos, das escolhas e dos desafios de se pesquisar *com* crianças, e acima de tudo. Ao ouvir os participantes, damos condições para que ele possa dizer, possibilitando o processo de compressão ativa. A escuta sensível abre portas para um processo discursivo dialógico que, segundo Freitas (2010) permite a argumentação, a organização de novas formas de pensar e de se lançar para a consciência-mundo.

Referências

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Estudos da criança e da infância. Trad. Lia Gabriele R. Reis. Rev. Maria Leticia B. P. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A perspectiva Vigotskiana e as tecnologias. **História da Pedagogia: Lev Vigotski**. Revista da Educação. São Paulo: Editora Segmento. 2010. 92 p. 58-67.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: realizando pesquisa netnográfica online**. Tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raul Ranauro Javales Júnior. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEENHARDT, Jacques. **Nos jardins de Burle Marx**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1996.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Org. Michael Cole (*et al*); trad. José Cipolla, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 6 edº São Paulo: Martins Fontes, 1998.